

## MEMÓRIA E INTERTEXTUALIDADES

**Autora:** Profa. Dra. Barbara Heller

Michel Laub, em “Diário da queda” (São Paulo: Companhia das Letras, 2011), elabora uma narrativa em que as memórias do protagonista, de seu pai e avô se mesclam em um labirinto de emoções. Dividida em 11 partes, o narrador, em primeira pessoa, revela, em conta-gotas, o acidente que ajudou a conceber e a executar em João, seu colega de escola, quando ambos tinham apenas 13 anos de idade. Esquecido ao longo de décadas, o evento vem à tona quando, aos 40 anos, toma ciência do diagnóstico de Alzheimer de seu pai e descobre os diários. Premido pela necessidade de recuperar a história familiar e reforçar sua identidade individual, enquanto ainda era possível manter o diálogo com seu genitor, compõe detalhes, diálogos, sensações. As histórias de vida de seus antepassados ganham cada vez mais importância à medida que o diário do pai dialoga com o do avô, sobrevivente de Auschwitz, que aporta no Brasil, em 1945.

Michel Laub, em sua ficção, subverte a memória coletiva (Halbwachs, 1950/1990) sobre o Holocausto, uma vez que seu protagonista nem “por um segundo [sente] nada daquilo como se fosse seu” (Laub, 2011, p, 15). Ao contrário: põe em pauta suas memórias subterrâneas, as que “afloram em momentos de crise, em sobressaltos bruscos e exacerbados” (Pollak, 1989, p. 4). Ao final do romance, liberta-se de sua experiência traumática, graças à escuta de seu pai (Pollak, 1989, p. 6).

O objetivo deste texto é reconhecer, no romance de Michel Laub, as distintas categorias de memória, especialmente as tratadas por Michel Pollak, em “Memória, esquecimento e silêncio” (1989), e por Maurice Halbwachs, em “A memória coletiva” (1950/1990).

As várias (inter)textualidades que identificamos nesta narrativa – diários, histórias de vida, ficção e autobiografia – são analisadas a partir de Mikhail Bakhtin, em “Estética da criação verbal” (1902/2000).